

REVIVESCÊNCIAS DE CANUDOS: DIÁLOGO ENTRE OS SERTÕES DE EUCLIDES E CICATRIZES SUBMERSAS DE DESCARTES GADELHA

Maria Inês Pinheiro Cardoso

A cidadela de Canudos, perdida no Nordeste baiano, afogada sob as águas do açude de Cocorobó, ali represadas em 1969 pelo então vigente regime militar, emerge, assombrosamente, na estação seca, ao longo de umas quantas décadas com uma vontade, força e perseverança que apenas a entidades vivas se costuma atribuir.

A Guerra de Canudos, entre os episódios bélicos internos do Brasil, é o que maior repercussão alcançou ao longo dos tempos. Repercussão que virou a curva de dois séculos e cruzou as fronteiras do país. O episódio desperta um interesse abrangente, para o qual se voltam as mais diversas áreas do saber e do fazer humanos, entre as quais, as artes plásticas e a literatura. Esta diversidade de interesses deve-se à complexidade dessa história. A Guerra de Canudos transcende o estatuto de luta armada, ao que a princípio deveria circunscrever-se, para instaurar-se como fenômeno germinador.

Pesquisadores e escritores se debruçam sobre o episódio, sobre seu líder Antônio Conselheiro, sobre o escritor Euclides da Cunha e sobre sua obra *Os sertões*. A produção se estende às mais variadas manifestações artísticas, rendendo roteiros para cine e teatro, coreografias na dança, e incontáveis representações plásticas.

As manifestações de arte popular merecem capítulo à parte, receptáculo e divulgadoras da trágica história de Canudos se encarregaram de preservar e vivificar a saga de Conselheiro entre a população sertaneja, alheia e afastada das produções ditas cultas. A força da tradição oral entre os nordestinos, que faz presente, sertão adentro, até os dias de hoje histórias medievais de reinos longínquos que perderam suas fronteiras geográficas e cronológicas nas violas dos cantadores e nas rimas do cordel, é grande responsável pela preservação dos fatos ocorridos naquele “reino” de Bello Monte.

Mas a arte “letrada” também arregala seus olhos e apura os ouvidos ante a memória e o testemunho dos “descendentes” da guerra, muitos deles reconstrutores da história e da cidadela de Canudos. Dessa forma, em um país que desde suas origens habituara-se a um discurso “estrangeiro”, ou se não, ao discurso oficial que quase sempre deixa de fora a história contada pelo povo, Canudos inaugura uma nova realidade: a de ser contada e a de se contar.

Se a fala do próprio sertanejo é substituída, em algum momento, pela escrita culta dos “tradutores” de Canudos, entre os quais se sobrepõe *Os sertões*, de Euclides da Cunha, “Livro Bíblia”, “Gaiola de Ouro” da história de Canudos, fazendo com que o “ser contada” se sobreponha ao “contar-se”, não nos cabe agora julgar. É imprescindível, no entanto, vincular a esta obra um vastíssimo mundo povoado de releituras do fenômeno. Artistas de todos os tempos têm encontrado no autor fluminense um interlocutor loquaz.

Canudos reflete outro fato curioso, a historiografia oficial nunca conseguiu, de fato, obscurecer o episódio. À medida que os fatos se desenrolavam, e logo do seu desfecho, sua história já ganhava intérpretes entre homens cultos da época, alguns dos quais se mostraram alheios às conveniências da “historiografia oficial”. A literatura ficcional, por exemplo, graças a seu estatuto, sentiu-se livre da censura oficiosa e das imposições da “cientificidade” histórica e conseguiu revivescer o tema entre leitores de todos os tempos.

Destaca-se, nesse panorama, o escritor fluminense Euclides da Cunha, que com um estilo muito peculiar, foi o grande responsável pela longevidade e mundividência do fenômeno ao transformar a Guerra de Canudos em uma verdadeira epopéia sertaneja. Seu livro *Os sertões*, que ele chamara de *Livro vingador*, seria, em seu querer, a expressão dos verdadeiros acontecimentos daquela guerra fratricida.

O desejo de “historiar” fidedignamente os fatos cederia passo, aos poucos e ao longo da gestação do livro publicado em 1902, às exigências estéticas do projeto literário do escritor, que comandaria sua pena e redimensionaria sua proposta até transformá-la em uma das nossas maiores obras. Correspondente de guerra do jornal *O Estado de São Paulo*, pôde testemunhar os últimos dias de Canudos, e impactado com o que viu e ouviu, se dispôs a ratificar seus equívocos, os

mesmos que os interesses republicanos e a imprensa, de modo geral, haviam criado em torno do assunto. Quando distante do palco dos acontecimentos, o escritor havia estabelecido um grave equívoco em seus dois célebres artigos jornalísticos intitulados “A Nossa Vendéia”, ao comparar a luta dos conselheiristas com a sublevação dos *Chouans*, camponeses da região francesa da Vendéia que se sublevaram contra a recém-fundada República. Ao aproximar-se de Canudos, Euclides começa a perceber a realidade dos fatos.

O lugar já não lhe parecia um reduto monarquista, foco insurrecto contra a recém-fundada República. Seu líder, Antônio Conselheiro, *o mais sério inimigo das forças republicanas*, assume outra dimensão que ele, diante da incapacidade de desvendar, apelará aos recursos estilísticos, em suas descrições. A força d’ *Os sertões* emana de inúmeras facetas e marcas de sua escritura e, à despeito da abundância de imagens dos mais diversos meios de comunicação, o sertão continua, até os dias de hoje, sendo redescoberto por muitos em suas páginas.

Entre artista de todos os tempos que encontram em Euclides um interlocutor loquaz, o artista plástico, com a agudeza de percepção e a sensibilidade visual características de seu fazer artístico, capta mais sensivelmente o aspecto pictural da obra. O livro se converte em portal de Canudos, frente ao qual encontrou-se o artista plástico cearense **Descartes Gadelha**, fascinado com a história e seduzido pelas imagens que criou Euclides, um dos maiores pintores que ele já conheceu.

Gadelha conversa com Euclides. Mantém com ele longos diálogos durante a composição de *Cicatrices Submersas*, coleção de pinturas, esculturas e xilogravuras sobre o tema, elaborada ao longo de três décadas. Sobre esta relação afirma o artista: “*Os sertões* é uma janela, é uma porta pela qual eu me transporto para o arraial de Belo Monte ...”. Descartes Gadelha revela que conheceu a Canudos reerguida sobre os escombros da Bello Monte de Conselheiro, cheia de reminiscências da cidade original e surpreendeu-se ao vê-la, anos mais tarde, sob as águas do Rio Vaza Barris. Desta última “visagem”, ficou-lhe um forte sentimento de indignação, mas, o impacto maior, capaz de fazê-lo pintar compulsiva e persistentemente as alegrias e as agruras da Belo Monte do Conselheiro, causaram-lhe as cores fortes do texto euclidiano.

A força retórica de Euclides, porém, não fez de Gadelha um interlocutor subserviente. Seu universo de arquétipos, sua vivência de nordestino, as influências em sua formação como pintor, transcontam *Os sertões*, recontam Canudos.

Impressionado com a terceira parte do livro, Gadelha pintou e esculpiu “A Luta”, dando asas a um pincel perplexo, catarse que de alguma maneira o liberaria para, aos poucos, encantar-se e descobrir “A Terra” e “O Homem”. Apercebemo-nos desse “passeio às avessas” do pintor pelas páginas d’*Os sertões*, atentando para a antinomia entre seus quadros Enterrando os mortos (1984) e A Mudança (1994). No primeiro, o pintor registrou o recolhimento dos corpos, feito na calada da noite: com expressões contritas, de dor e de pesar, as mulheres carregam em animais tristes, num mutismo impressionador, os corpos dos guerreiros abatidos durante o dia. Na mesma ruela de Canudos, ressurgem anos mais tarde os animais de carga, as mulheres, homens e crianças na tela A Mudança. Nela o pintor ressuscita os guerreiros de Canudos. O silêncio de antes se converte em alegre ruge-ruge da chegada de novos moradores à vila de Belo Monte. Entre uma e outra tela se passaram dez anos.

A exemplo da “pintura” que Euclides fez de Antônio Conselheiro, Descartes Gadelha, surpreendido por este homem-mistério – *destinado indistintamente ao hospício ou à História* –, consegue que seu pincel não desmereça as adjetivações antitéticas, suntuosas do escritor, que não lhe reduza as feições e o ânimo. Capta-os a todos, *Hércules-Quasímodo, anacoreta sombrio, bronco-agnóstico* em um conjunto de retratos e esculturas diversas. Para constatar o dito, vale deter-se em Conselheiro pregando sertão adentro (1983), de mirada colérica e fulgurante, como doutrinador exaltado, tal como nas palavras de Euclides, *impressiona, vivamente a imaginação dos sertanejos com suas prédicas... e oratória bárbara e arrepiadora* e em seguida compará-lo à dança mística do Conselheiro em prece por Canudos (1983).

Em sua tela Dentro do Boi Morto (1978) Gadelha reflete no alvoro das cabeças-carcaças de reses, as descrições justíssimas de Euclides sobre as tocaias dos canudenses, artimanha lícita, onde o saber nativo do sertanejo se sobrepunha ao poder bélico de seu adversário. Confirmava-se como uma de suas maiores aliadas. A invisibilidade daqueles

guerrilheiro-thugs, intangíve(is) diluídos em duende(s)... lutadores-fantasmas, quase invisíveis... era para o soldado assustado, sua maior debilidade. Sob a carcaça do boi morto, o jagunço cavava espaço suficiente para disfarçar o volume do seu corpo e de lá alvejava o inimigo que engeguecido não atinava para o ardil do adversário.

Gadelha, como Euclides, também vislumbra o misticismo, a religiosidade daquele povo. Além de procissões, prédicas, paga de promessas ele mostra em *Prece sobre o cavalo* (1973) que fé não tem hora nem lugar para se manifestar: o guerreiro faz suas preces antes de tocar p'rá luta. Cavalo e cavaleiro reverenciam o céu estrelado que faz luzir o rubro-pardo do animal de crinas talhadas, pelo pincel, em madeira de carrossel. Da manga azul do jagunço da guarda, saltam estrelas azuis a iluminar-lhe o caminho. No pescoço, o rosário, na mão, a “manulixe”, nos quarto, o “jacaré”. Está pronto este São Jorge guerreiro do sertão p'ra dar sua vida pelo ideal de Belo Monte.

O desejo de Euclides da Cunha de pintar e a vontade de Descartes Gadelha de ins/escrever Canudos os uniu. *Os sertões* e *Cicatrices* guardam mais que um tema em comum. Nas leituras d'*Os sertões*, Descartes encontra-se com os fantasmas de Euclides, que se tornam também seus, e que parecem exercer sobre ambos um poder silencioso a reclamá-los como seus intercessores.

Gadelha doou a coleção ao Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará, entre outras razões, para poder tomar distância dessa “[...] fantasmagoria plástica”, “[...] uma temática desse porte pode ser extremamente sufocante” afirma o artista. Quem lhe conhece a alma sensível e a paixão pelo que faz não duvida disso. *Cicatrices* cumpriu com seu cometido e encontra-se às vistas do público, ao vivo, em cores no MAUC, e virtualmente no seu site. Descartes Gadelha e *Cicatrices* submersas mereciam ainda uma sala especial, para a exposição permanente desse grande legado da cultura cearense.

Cicatrices submersas é uma obra que impressiona pela releitura sensível dessa guerra fratricida de Canudos, mas sua grandeza parece ir além. Sua capacidade dialógica expande a grande perplexidade que Euclides da Cunha lançara nas linhas - e nas entrelinhas - de seu texto, para oferecer ao autor algumas respostas que ele, em sua camisa de força positivista, lançava à ciência em suas últimas duas linhas.

Descartes Gadelha nunca abandona o pincel e suas tintas, mas, motivos alheios a sua vontade privaram-no de sua fundição, espécie de fornalha medieval onde seu talento, simulando mágica, trouxe à luz tantas mulheres, homens e crianças. A escultura obtida através do antiqüíssimo processo de cera perdida dificilmente encontrará maior “afinidade” com outro tema. A saga de Canudos que Euclides da Cunha immortalizou em *Os sertões*, Gadelha talhou-a para a posteridade no bronze de sua maleável imaginação.